



consciência ampla

A sua revista Ampla sobre
responsabilidade socioambiental



Ampla é a primeira empresa
brasileira a apoiar bancos
comunitários – págs. 8, 9 e 10



Joaquim Melo

Confira a entrevista exclusiva com o fundador do Instituto Palmas, referência de organização popular voltada para a inclusão financeira no país – págs. 4, 5 e 6



“Indico o @ConscienciaAmpla para quem quer viver melhor usando de forma racional os recursos naturais!” (via Twitter)

Rafael Guimarães

“Todos nós devemos buscar soluções para a reutilização dos diversos materiais (valiosos) que jogamos fora. Tenho reutilizado as garrafas PET, os rolos de papel higiênico e as caixas de papelão.” (via blog)

Eunice Batista

“Quero deixar aqui meus parabéns e registrar a admiração que tenho pelo trabalho da Ampla. Vivemos em um mundo melhor se a responsabilidade social, hoje tão falada, tivesse ações mais práticas de todas as empresas. Que, além das lâmpadas, a Ampla consiga espalhar mais luzes para todos!” (via blog)

Heloisa Vieira

“@ConscienciaAmpla por um mundo melhor, sempre alerta.” (via Twitter)

Erivaldo Caico

Escreva você também! Envie sua mensagem por e-mail para consciencia@ampla.com, ou deixe seus comentários em nosso blog oficial. Por questão de espaço, os comentários podem ser resumidos. Quer receber dicas sobre o consumo consciente, segurança, direitos e deveres? Então, siga o Consciência Ampla em www.twitter.com/conscienciaampla. Se preferir, envie uma carta para Rua Nilo Peçanha 546, São Gonçalo, RJ CEP 24445-360, aos cuidados da Equipe de Projetos Sociais da Ampla.

Consciência Ampla na Tela e sobre Rodas

Quer aprender mais sobre cinema e consumo consciente de energia? Confira então as datas do Consciência Ampla na Tela e do Consciência Ampla sobre Rodas.

Os demais projetos do Consciência Ampla continuam percorrendo cidades em 2011, levando cultura e educação para o consumo consciente. Acompanhe toda a programação pelo blog e pelo twitter do Consciência Ampla.

Consciência Ampla na Tela

Outubro

Saquarema	28
Maricá	29

Novembro

Teresópolis	11
Petrópolis	12
Santa Maria Madalena	18

Consciência Ampla sobre Rodas

Outubro

São Fidélis	3 a 7
Rio das Ostras	10 a 14
Maricá	17 a 21
Rio Bonito	24 a 28
Petrópolis	31

Novembro

Petrópolis	1 a 4
Duque de Caxias	7 a 11
Teresópolis	21 a 25
Itaboraí	28 a 30

Dezembro

Cachoeiras de Macacu	5 a 9
Niterói	12 a 16

transparência

Um semestre de realizações

Entre janeiro e junho de 2011, a maioria dos projetos do Consciência Ampla superou as expectativas e atingiu um número maior de beneficiados. No caso do Projeto Férias sem Risco, realizado em junho deste ano, a história não foi diferente. Um total de 26.712 alunos da rede pública recebeu orientação sobre o perigo de soltar pipas perto da rede elétrica. Os resultados obtidos com os programas nos dão mais ânimo para seguirmos com nosso trabalho. E esperamos contar sempre com sua colaboração nessa jornada.

Projeto	Número de beneficiados no 1º semestre	META
Consciência Ampla Saber	64.080	64.159
Consciência Ampla Cidadania	10.951	6.670
Consciência Ampla com Arte	3.625	3.200
Consciência Ampla Futuro	58.154	31.111
Consciência Ampla sobre Rodas	28.149	19.600
Consciência Ampla Oportunidade	634	650
Consciência Ampla na Tela	5.879	19.500
Consciência EcoAmpla	863	1.000
Consciência Ampla Cultural	18.060	15.000
Consciência Ampla Eficiente	16.108	14.000
TOTAL	234.834	174.890

Cara a Cara	4
Caso de Sucesso	7
Capa	8
Fique por Dentro.....	11
Em Foco	13
Rede do Saber	14
Consciência Digital	15
Dicas	16
Divirta-se	16

editorial

Pela valorização do ser humano

Economia solidária: um conceito que tem se traduzido em prática por meio de projetos que se multiplicam como nunca. Um bom exemplo são as ações desenvolvidas pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes). Em *Rede do Saber*, Paul Singer, titular do órgão, mostra que tem muito a dizer sobre esta forma de produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano.

A sociedade civil também se movimenta nesse sentido. É o que conta Joaquim Melo, fundador do primeiro banco comunitário do Brasil. Em *Cara a Cara*, ele conta como uma pergunta – “Por que somos pobres?” – foi responsável por uma rede que já ultrapassa 60 instituições do gênero país a fora.

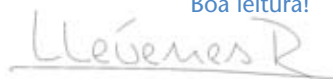
Em nossa reportagem de capa, é possível ver como a economia solidária pode tomar uma forma concreta, e bem perto de nós. Acompanhamos a inauguração dos dois primeiros bancos comunitários do país apoiados por uma empresa – um em Niterói e

outro em Duque de Caxias – e contamos cada detalhe destas duas iniciativas que prometem desenvolver ainda mais as comunidades onde estão instaladas.

Na seara tecnológica, você vai ver em *Fique por Dentro* algumas novidades que a Ampla vem pesquisando. Para o último 6º Citenel, congresso de inovação em energia elétrica, levamos produtos como um poste de luz mais leve – criado para garantir o restabelecimento rápido do fornecimento de energia – e uma luva que sinaliza a presença de tensão na rede.

Estes e outros assuntos foram escolhidos especialmente para você.

Boa leitura!



Marcelo Llêvenes
Responsável pela Ampla
e pela Endesa Brasil



Você conhece a versão on-line da revista Consciência Ampla?

Acesse www.job360.com.br/conscienciaampla10 e confira uma revista com ainda mais conteúdo para você!

Expediente

Publicação trimestral da Ampla. Criação e produção – Marketing Ampla: Denise Monteiro (Mb: 21.1407), Tatianna Togashi, Patrícia Gismonti e Priscilla Civelli; Projetos Sociais Ampla: Aladia Guerino, Cristiane Baena, Felipe Conti, Gislene Rodrigues e Katia Ramos; Colaboração – Comunicação Externa e Responsabilidade Social Ampla: Janaína Vilella, Ana Paula Caporal e Beatriz Stutzel; Reportagem – Ana Clara Werneck, Annie Nielsen, Carlos Vasconcellos, Carolina Silveira, Letícia Mota, Lissandra Torres e Maíra Gonçalves. Coordenação Editorial – Ana Clara Werneck. Edição – Eliane Levy de Souza. Projeto Gráfico e Diagramação: Casa do Cliente Comunicação 360°. Revisão: Juliana Carvalho. Fotos: Antonio Pinheiro, Banco de Imagem Casa do Cliente e Mazé Mixo.



‘A maneira como consumimos define a sociedade que queremos construir’

Joaquim Melo

Um sonhador com os pés no chão

Joaquim Melo é o nome que está por trás do primeiro banco comunitário no Brasil. Seminarista na década de 1980, ele se mudou de Belém para Fortaleza com o objetivo de colaborar na prática para tornar a vida das pessoas melhor. Morando na comunidade Conjunto Palmeira, criou uma associação de moradores e reuniu os vizinhos com uma pergunta: “Por que somos pobres?”. Noventa e seis assembleias depois, nasceu o Banco Palmas, (praticamente) sem dinheiro e com 5 mil donos, o número de moradores do bairro na época. A instituição fez sucesso e, totalmente envolvido com a inclusão social, ele abandonou o plano de ser padre. Hoje, dá palestras em todo o país e sonha com o dia em que os bancos comunitários serão legitimados pelo Estado. “Nunca estudei Economia, tudo o que sei aprendi com o povo”, conta ele, com a certeza dos que acreditam em um mundo melhor feito com as próprias mãos. É o que ele comprova nesta entrevista exclusiva que o coordenador do Banco Palmas e do Instituto Palmas concedeu à *Consciência Ampla*.

Como surgiu a ideia de criar o Banco Palmas, o primeiro banco comunitário do Brasil?

Joaquim Melo – Na década de 1980, depois da urbanização da favela do Conjunto Palmeira, em Fortaleza, seus moradores ficaram ainda mais pobres economicamente. Isso porque tiveram de passar a pagar contas de luz, água, IPTU etc. Como o povo não tinha dinheiro para isso, começou a ir embora do bairro. A grande pergunta que fizemos neste momento, e que originou o banco, foi “Por que somos pobres?”. As pessoas diziam “Porque não temos dinheiro”. Mas não me conformava com esta resposta.

Nesta época, conduzi o primeiro Mapa da Produção e do Consumo – que até hoje é feito no Conjunto Palmeira: fomos de casa em casa perguntando para as pessoas o que e onde consumiam. Como resultado, descobrimos que só 20% das pessoas faziam compras no bairro. Ou seja: não eram pobres, pois tinham algum dinheiro. A verdade é que se empobreciam, na medida em que perdiam suas poupanças locais comprando fora do bairro produtos fabricados em outros lugares.

Foram 96 reuniões com os moradores para definir como manter o dinheiro deles ali. Em 1998, o Banco Palmas surgiu, com o objetivo de estimular o desenvolvimento por meio da produção e do consumo locais, e esta é a lógica dos bancos comunitários até hoje. No último Mapa da Produção e do Consumo, feito este ano, vimos que 93% dos moradores do Conjunto Palmeira fazem compras lá.

Na época, não havia iniciativas deste tipo no Brasil. Você teve alguma fonte de inspiração externa?

J. M. – Tinha a referência do Grameen Bank, em Bangladesh [criado por *Muhammad Yunus*, conhecido como o banqueiro dos pobres]. Mas era um banco bem diferente, pois só trabalhava com crédito produtivo para aldeias rurais. A nossa ideia não era de apenas estimular a produção, mas também o consumo, por meio de uma moeda que só circulasse no bairro, para que as pessoas consumissem majoritariamente ali. A ideia do Banco Palmas foi completamente endógena.

A inovação do nosso banco foi o estímulo ao consumo. Os pobres sempre produziram,



mas não tinham para quem vender. Na verdade, o problema é que historicamente só compram dos ricos. A grande tecnologia social deste tipo de empreendimento é mostrar que a solução para os pobres está com eles mesmos. Cunhamos uma frase que usamos sempre: “A maneira como consumimos define a sociedade que queremos construir”.

As pessoas reclamam da violência juvenil, mas não entendem que, quando alguém compra um produto de uma multinacional em um hipermercado, está estimulando o desemprego em sua própria comunidade, e a violência advém daí. Queremos uma sociedade igualitária, que distribui renda e dá oportunidade para os mais pobres. Quando a Ampla cria na comunidade um fundo de crédito, como está fazendo no Preventório (Niterói), e em Saracuruna (Duque de Caxias), está apostando que a comunidade pode resolver seus problemas econômicos – e isso vai muito além de pagar a conta de luz em dia.

Já temos 64 bancos comunitários no Brasil – contando com os do Preventório e de Saracuruna. Estas instituições não têm filiais, nenhuma é dona da outra, todas são organizadas em rede. Temos o projeto de um dia fazer um corredor comercial, para que um banco possa vender para o outro os produtos que sua comunidade fabrique. Hoje, temos uma rede de troca de tecnologia, mas queremos fazer outra, de negócios. Mas o primeiro passo é fortalecer o desenvolvimento regional.

Como você chegou ao Conjunto Palmeira?

J. M. – Vim na década de 1980, como seminarista. Morava em um seminário tradicional em Belém, onde cheguei aos 11 anos de idade. Mas me angustiava ficar longe das pessoas, queria colaborar na prática para uma sociedade melhor. Soube que em Fortaleza havia um projeto chamado Padres da Favela e, aos 22 anos, me mudei. No primeiro ano, morei na Rampa do Lixo, ao lado do lixão da cidade. Viver com os catadores foi uma experiência muito forte, a

mais forte que já passei. Foi ali que decidi que me comprometeria para o resto da vida com os pobres e me dedicaria à superação da miséria. Em 1984, o cardeal da época solicitou que eu fosse morar no Conjunto Palmeira. Lá, não havia água, luz nem saneamento básico. Criei a associação de moradores e trabalhava na comunidade. Em 1988, eu deveria me ordenar, mas já era presidente da associação e estava muito envolvido com a missão. Decidi abandonar o futuro como padre e continuar morando no Conjunto Palmeira.

Quando reuniu as pessoas para fazer as assembleias antes de formar o banco, você tinha algum conhecimento formal de Economia ou Finanças?

J. M. – Nunca estudei Economia. Tudo o que sei sobre o assunto aprendi com o povo. As pessoas têm a ideia de que Economia é para economistas, mas os mais pobres praticam Economia Doméstica com perfeição. Eles precisam de Educação Financeira para pensar em negócios, mas têm desejo de pagar suas contas em dia.

Essas pessoas são socioeconomistas populares, pois o mais importante na relação econômica é a sociedade, não a economia, o inverso do capitalismo, em que se “topa tudo por dinheiro”. A lógica da economia solidária é que o dinheiro está a serviço das pessoas, e não o contrário. Não há donos no Banco Palmas, toda a comunidade é proprietária, desde o bêbado que fica na praça ao homem mais rico, que tem um pequeno comércio.

Hoje você é uma autoridade em bancos comunitários. Pessoas do Brasil inteiro lhe pedem consultoria. Como você vê esse retorno?

J. M. – Quando o Banco Palmas começou a dar resultados, recebemos convites de prefeituras e comunidades de várias partes do país, pedindo orientação. Por isso, criamos, em 2003, o Instituto Palmas, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). E saímos pelo Brasil em uma cruzada, dizendo que as co-

‘Em 1988, eu deveria me ordenar, mas já era presidente da associação [de moradores] e estava muito envolvido com a missão. Decidi abandonar o futuro como padre e ficar no Conjunto Palmeira’

‘O mais importante na relação econômica é a sociedade, não a economia’



munidades não precisam depender dos grandes bancos, pois eles não foram criados para atender os pobres, não têm capilaridade para isso. A grande tarefa do Instituto Palmas são as milhares de palestras que fazemos pelo país. Tanto nas comunidades quanto nos governos, nas universidades e nos próprios bancos. Nosso discurso é “não queremos competir com vocês, queremos ser complementares”. E, felizmente, os bancos comunitários são discutidos hoje em dia em todas as esferas do país.

Há uma lei da deputada Luiza Erundina, que está tramitando no Congresso, para regulamentar os bancos comunitários como entes financeiros no Brasil. Seria um avanço o governo reconhecer que, além dos bancos públicos e dos privados, há os comunitários. Mas já avançamos nesse sentido: o Banco Central tem um departamento para discutir o assunto. Além disso, há mais de 15 universidades no país – como UFF, UFBA, FGV e USP – que criaram núcleos e formaram cursos para estudar esses bancos.

E temos orgulho de saber que essa ideia não nasceu em um grande centro acadêmico nem na Europa. Veio da periferia do Nordeste. Não diria que sou uma autoridade, só estou cumprindo a missão de mostrar essa alternativa. Segundo o Ipea, 52% da população brasileira não têm acesso a serviços financeiros nem bancários (crédito, conta corrente, poupança, banco próximo de casa etc.). O Brasil tem uma demanda enorme de pessoas que querem ser incluídas nesse sistema.

Quais as diferenças entre o Banco Palmas, que nasceu da comunidade, em relação aos associados a prefeituras e aos bancos do Preventório e de Saracuruna, que estão surgindo com o apoio de uma empresa?

J. M. – Em primeiro lugar, devemos

falar das semelhanças entre esses bancos. Todos passaram pelo mesmo processo: um seminário inicial de sensibilização, para saber da comunidade se ela quer ou não o banco comunitário – lembrando que, nesse caso, ela terá de geri-lo. A diferença é a fonte do financiamento. Quando o Banco Palmas começou, não tinha recursos. O pouco capital inicial veio do povo. Depois que a iniciativa provou ser sustentável, governos e instituições passaram a investir.

O fato de os recursos serem oriundos de fontes externas à comunidade não é problema, desde que os moradores estejam conscientes e motivados a arcar com as responsabilidades do banco. No caso do Palmas, erramos muito. A vantagem das comunidades que começam agora é que houve muitos testes, os erros não se repetem. O papel da Ampla neste caso é importantíssimo. É a primeira vez que uma empresa privada ajuda a criar um banco comunitário. E certamente o do Preventório e o de Saracuruna serão observados de perto, como *case*.

Um exemplo de aprendizado é com relação à gestão do banco. Até hoje, no Palmas, tudo é feito por meio de planilhas de Excel, não temos softwares, o que passou a ser imperativo. Mas, com 3,8 mil clientes ativos, já não há planilha que suporte.

Por falta de dados consolidados, alguns investidores em potencial ainda questionam os resultados dos bancos comunitários. Até dezembro, implantaremos um software de gestão de carteira, para contabilizar o número de clientes, a porcentagem de inadimplência, os empregos gerados, o percentual de crescimento de cada negócio, o aumento da renda de cada comunidade etc. Isso vai abrir portas para nós. Para se ter uma ideia, há três anos muitos bancos comunitários faziam a contabilidade em cadernos.



Vida simples e um grande ideal

Na vida, todos nós temos um sonho. O de João Luiz Ramos, líder do quilombo Fazenda Santa Rita do Bracuí, é conseguir a titulação das terras da comunidade, para que os legítimos donos do território possam viver de forma digna e manter as tradições quilombolas. Só assim ele acredita que será possível preservar a cultura negra em nosso país. Foi na Fazenda Santa Rita do Bracuí que João nasceu e vive até hoje, criando seus dois filhos. Localizada na cidade de Angra dos Reis (RJ), a área de 1.380 hectares abriga cerca de 250 famílias e vive da lavoura de subsistência. Desde maio deste ano, a comunidade de Seu João é atendida pela área de Projetos Sociais da Ampla. Os palestrantes ajudam os moradores a se cadastrarem na Tarifa Social Baixa Renda e realizam palestras sobre educação para o consumo consciente. *(Saiba mais sobre este trabalho na reportagem Em Foco)*

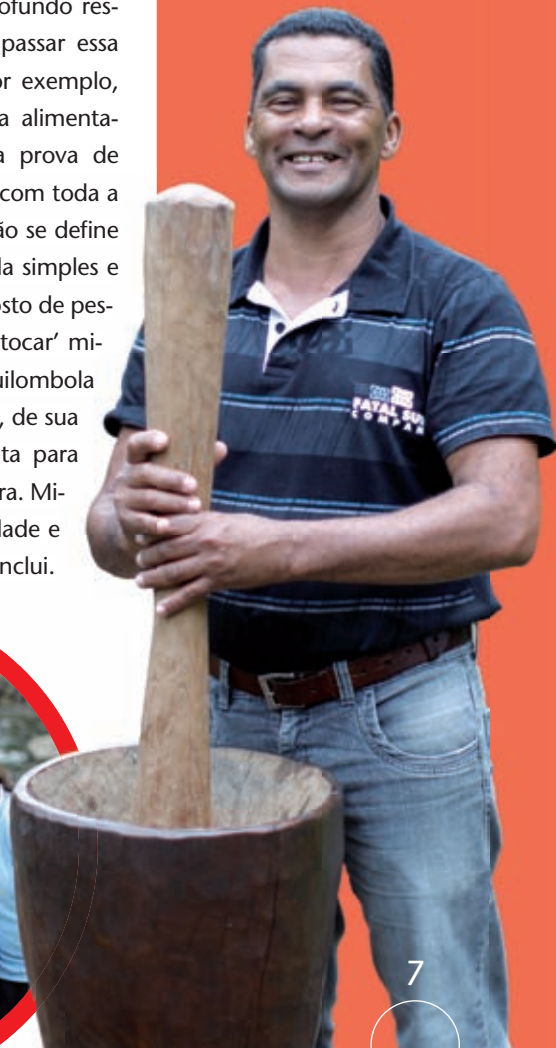
Depois de décadas trabalhando em favor da comunidade – incluindo um período como presidente da Associação Quilombola, fundada em 2003 –, João se aposentou, deixando o filho Edson em seu lugar. “A associação comprova a constante luta do povo do quilombo pela legitimação do território de Santa Rita do Bracuí”, conta. E emenda: “Temos de ser articuladores e trabalhar pelos direitos conquistados com a Constituição Federal de 1988. Vou sempre defender os interesses da comunidade quilombola. Isso me orgulha e é a minha razão de viver”, confessa, emocionado.

Quilombo: expressivo senso de coletividade

Quando perguntado se obteve alguma conquista significativa para os moradores do quilombo, João responde: “Nenhum benefício alcançado pelo meu povo foi uma vitória exclusivamente minha. Tudo faz parte de um

plano de defesa pela comunidade. Devemos lutar por isso, essa forma de pensar nos caracteriza e nos legitima. Conseguimos tudo juntos.”, explica. Ele aponta o projeto realizado com os jovens quilombolas de conservação da cultura negra como uma ação que merece destaque. “É importante mostrarmos para a juventude o orgulho de ser quilombola. Hoje, por conta dos exemplos de violência social e preconceito vivenciados desde a escravidão, alguns expressam resistência para assumir sua identidade. Por isso, trabalhamos para aumentar esse senso de pertencimento. Toda ação que promova bem-estar e qualidade de vida para os moradores de Santa Rita do Bracuí é bem-vinda”, enfatiza.

João conta que seu grupo tem profundo respeito pela natureza. “Desejamos passar essa noção de pai para filho. Hoje, por exemplo, o palmito não faz parte de nossa alimentação. Considero essa atitude uma prova de que queremos viver em harmonia com toda a sociedade e o meio ambiente”. João se define como uma pessoa que preza a vida simples e diz que sabe viver com pouco. “Gosto de pescar, andar pela mata, acampar e ‘tocar’ minha lavoura. A única coisa que o quilombola consciente precisa é de seu espaço, de sua terra. Eu vou continuar minha luta para cultivar as tradições e a cultura negra. Minha vida é trabalhar pela comunidade e não medirei esforços para isso”, conclui.





Economia centrada no ser humano

Qual é o papel de uma distribuidora de energia? Engana-se quem responde que é apenas o de fornecer luz para seus clientes, pelo menos no caso da Ampla. A grande prova foi dada nos dias 13 e 14 de setembro, quando foram inaugurados os dois primeiros bancos comunitários do Brasil apoiados por uma empresa privada. Um desses bancos foi aberto no Morro do Preventório, em Niterói. O outro, em Saracuruna, bairro de Duque de Caxias.

Com eles, as duas comunidades fluminenses poderão crescer gerando renda, com linha de microcrédito alternativo e moeda social que só circula internamente.

Ao contrário dos bancos comuns, esse tipo de instituição financeira se caracteriza por não ter um dono. Todos os moradores da área onde ela está instalada participam de alguma forma de seu gerenciamento, e os lucros com as transações vão para a própria comunidade. Seu ponto forte é dar acesso a serviços bancários para pessoas que estão excluídas do sistema financeiro tradicional. Na prática,

funciona assim: nos bancos comunitários, as pessoas trocam seus reais por moedas locais – como o prevê, no Preventório, e o saracurá, em Saracuruna. No comércio da região, as compras feitas em dinheiro social têm desconto, que pode chegar a 20%.

O projeto integra a plataforma Consciência Ampla, em sua linha de atuação voltada para geração de renda e desenvolvimento local, sempre com estímulo ao consumo consciente. Integrantes das redes de lideranças comunitárias formadas pela empresa foram consultados sobre a ação, sendo um deles diretamente envolvido na implantação do Banco Saracuruna. “Nossa razão de ser é iluminar a vida das pessoas. Ao apostar nesses projetos, colaboramos para gerar empregos e oportunidades. Também contribuimos para o progresso do Preventório e de Saracuruna como um todo”, destaca Marcelo Llêvenes, responsável pela Ampla e pela Endesa Brasil.

Entre 2011 e 2012, a Ampla investirá R\$ 1 milhão neste projeto, que pode beneficiar cerca de 130 mil pessoas. “A ideia surgiu por meio de um funcionário, pelo Programa de Inovação da empresa. Vimos a coerência com

‘Nossa razão de ser é iluminar a vida das pessoas. Ao apostar nesses projetos, colaboramos para gerar empregos e oportunidades’
Marcelo Llêvenes



‘Somos, de fato, uma comunidade, no sentido de comungar dos mesmos ideais’

Marcos Rodrigo Ferreira

uma responsabilidade muito grande. Só aceitei porque somos, de fato, uma comunidade, no sentido de comungar dos mesmos ideais”, afirma. *(leia mais sobre economia solidária em Rede do Saber, na página 14)*

os objetivos do Consciência Ampla e avaliamos o projeto com as comunidades e a UFF. É uma parceria que vem dando certo”, afirma Gislene Rodrigues, responsável pela área de Projetos Sociais da Ampla. Além de patrocinar e acompanhar o projeto, a Ampla avança ainda mais ao estabelecer também relações de negócio com os bancos. “O pagamento de contas de luz nos bancos comunitários potencializa ainda mais a sustentabilidade destas instituições”, completa Gislene.

Em Niterói, a família Ferreira é uma das mais engajadas. Seu Antônio é o dono do Maloca Bar, um dos estabelecimentos mais tradicionais do Preventório, e cedeu uma parte do local para a sede do banco. Já no primeiro dia de funcionamento da instituição, Seu Antônio aceitava os prévês, concedendo 10% de desconto a quem pagava na nova moeda. Questionado sobre uma possível perda, ele nega: “Não nos prejudica de forma alguma. Pelo contrário: acredito que agora as vendas vão aumentar”, conta, empolgado.

Marcos Rodrigo, o filho de Seu Antônio, é o primeiro presidente do Banco Preventório. Ele foi escolhido pela Associação Preventório Solidário – criada especialmente para gerir o banco – por já ter experiência na área de Economia Solidária. Ele trouxe a administração participativa para o Banco Preventório, o que considera o grande trunfo do empreendimento social. “Ser presidente do banco é

Em Duque de Caxias, a iniciativa já é considerada bem-sucedida por Maria da Penha dos Santos, de 31 anos. Ela, que tinha o sonho de trabalhar como bancária, agora faz parte da equipe do Banco Saracuruna. “Este é meu primeiro emprego com carteira assinada. Já há bastante gente frequentando o banco, o desconto vale a pena. É uma grande oportunidade para Saracuruna”, destaca. O aposentado Julio Cesar Miguel faz coro. Ele é o presidente da Associação para Desenvolvimento Solidário de Saracuruna, que administra o banco comunitário. “O projeto está se desenvolvendo melhor do que imaginávamos. Para garantir que tudo continue indo bem, a associação realiza reuniões quinzenais para avaliar os resultados e mudar o que for preciso”, conta.

Além da Ampla, participam do projeto a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Instituto Palmas – organização ligada ao Banco Palmas, o primeiro banco comunitário do país, que dá consultoria a instituições deste tipo em todo o Brasil. Ao todo, já existem 63 em todo o país. “Há 13 anos, muita gente disse que nosso projeto não sobreviveria. Mas existe até hoje, e está se multiplicando. Fico feliz em ver que, pela primeira vez, uma empresa acredita nesse sonho e vê a comunidade como empreendedora”, conta Joaquim Melo, coordenador do Banco Palmas e do Instituto Palmas. *(leia uma entrevista exclusiva com Joaquim Melo na página 4)*



‘Fico feliz em ver que, pela primeira vez, uma empresa acredita nesse sonho e vê a comunidade como empreendedora’

Joaquim Melo

Na Mídia

Mais de 40 reportagens na televisão, em jornais impressos, sites e rádios deram destaque a inauguração dos bancos comunitários em Saracuruna e no Preventório. No *Bom Dia Rio*, da TV Globo, uma matéria de mais de dez minutos abordou cada detalhe do assunto, inclusive com uma entrevista do diretor de Comunicação da Ampla, André Moragas. Na mídia impressa, o projeto foi assunto nos jornais *O Globo*, *Extra*, *O Dia*, *O Fluminense* e *A Tribuna*, entre outros. Na rádio CBN, a reportagem do *Jornal da CBN* destacava a parceria da Ampla. E, entre os portais que abordaram o assunto, estavam Yahoo! e Agência Brasil.

União que faz o banco

A UFF atuou na mobilização das duas comunidades, além de ceder material de pesquisa e um espaço no Preventório, que se transformou em anexo da instituição, que servirá para a realização de oficinas, como de consumo consciente do programa Consciência Ampla, por exemplo. Fábio Passos, pró-reitor de Extensão da UFF, acredita que, com este projeto, a universidade cumpre seu papel. “Aproximamos a UFF da comunidade, com o objetivo de criar uma parceria de conhecimento de mão dupla. Da mesma forma que ensinamos, aprendemos muito com essas pessoas”, acredita.

A Incubadora de Empreendimentos em Economia Solidária da UFF faz a ligação entre a universidade e os bancos comunitários. Desde janeiro, a equipe comandada pelas profes-

ras Bárbara França e Maria Lúcia Pontual, além de 12 bolsistas – das áreas de Ciências Sociais, Antropologia, Economia e até Psicologia – se reúne semanalmente com os representantes das associações comunitárias para dividir conhecimento. Ultimamente os encontros têm acontecido três vezes por semana.

Por meio de atividades teóricas e práticas, moradores de Saracuruna e do Preventório desenvolveram, pouco a pouco, bancos comunitários para chamar de seus. “Estes projetos só existem porque foram aceitos pelas comunidades. É um processo que possibilita o empoderamento da população, com ganhos não só econômicos, mas também políticos e organizativos, na medida em que isso aumenta a autoestima da população”, frisa Bárbara.

Capacitação em busca do sucesso

Em agosto, a Ampla participou da 3ª Oficina Nacional de Multiplicadores na Metodologia de Bancos Comunitários. O evento, sediado em Fortaleza (CE), durou três dias e reuniu represen-

tantes de nove estados, da Caixa Econômica Federal (CEF) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Na ocasião, grupos envolvidos na gestão de bancos comunitários participaram de uma oficina de capacitação em atividades bancárias, aprendendo na prática sobre assuntos como sistema de crédito, abertura e fechamento de caixas etc.

Ricardo Bomfim, analista de Projetos Sociais, visitou o Banco Palmas, com os demais participantes, para conhecer sua metodologia e estudar a expansão do projeto de apoio a bancos comunitários. A Ampla foi a única a apoiar esse tipo de iniciativa no encontro, e coube a Ricardo apresentá-lo na abertura. “Foram três dias de grande troca de experiências.

Ter visto o Banco Palmas de perto foi benéfico, pois todos lá tratam a economia solidária com seriedade e têm muito a contribuir”, atesta.



Nasce a Cidade Inteligente

Projeto investirá cerca de R\$ 30 milhões para transformar balneário em modelo de eficiência energética

“A Ampla marcou um golaço.” Foi assim que o governador Sérgio Cabral definiu o lançamento da Cidade Inteligente – Búzios, no último dia 11 de julho, no Palácio Guanabara. Na ocasião, foram assinados convênios entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Prefeitura de Búzios e a Endesa, controladora da Ampla, para a realização do projeto. A iniciativa visa transformar o município em um exemplo de cidade do futuro: sustentável, racional e eficiente.

O balneário da Região dos Lagos será a primeira Cidade Inteligente do país. “Essa é uma conquista muito importante”, disse Cabral. “Vivemos uma situação em que ninguém sabe qual será o valor do petróleo em 10 ou 15 anos, e o esforço na busca por novas fontes de energia é mundial”, completou o governador.

Para o secretário de Desenvolvimento do Rio, Júlio Bueno, a iniciativa se soma aos esforços para transformar o Estado na Capital da Energia no país. “O Rio tem uma economia fortemente ligada ao setor energético, que tem a obrigação de apontar para o futuro”, explicou. “Com o projeto, temos o embrião para o desenvolvimento de novas tecnologias em Búzios.”

Para Mario Santos, presidente do Conselho de Administração da Endesa Brasil, o Estado do Rio de Janeiro sai na frente com o pioneirismo da Cidade Inteligente – Búzios. “Esse projeto marcará o país. É um privilégio trazer para cá a experiência da Endesa e da Enel [empresas controladoras da Ampla] nessa área”, afirmou, lembrando projetos semelhantes desenvolvidos pelas duas empresas na Itália e na Espanha.

O projeto vai consumir cerca de R\$31 milhões e inclui mudanças na iluminação pública, uso de carros elétricos e melhorias na distribuição de energia. Marcelo Llévenes, presidente da Endesa Brasil, lembrou que, além de diminuir os impactos ambientais, a iniciativa deve reduzir o preço da energia na cidade, pois permitirá a cobrança de tarifas diferenciadas por horário. “Os testes realizados na Europa indicam que o preço pode cair entre 30% e 40%. Esse também é o nosso objetivo aqui”, disse.

André Moragas, diretor de Relações Institucionais e Comunicação da Ampla, por sua vez, observa que o projeto cria mais um fator de atração em uma cidade que já é referência cultural e turística no país. “A transformação de Búzios em Cidade Inteligente ajudará a sustentar a economia da cidade além do período do verão, dando visibilidade ao município como polo de tecnologia”, disse.

Na prática, a Cidade Inteligente começará no próximo verão. Segundo Llévenes, o primeiro passo é aprimorar a gestão de distribuição em Búzios, o que se refletirá na melhoria da qualidade do serviço. Na sequência, o projeto ficará mais visível para a população, com a instalação de um novo sistema de iluminação pública de LED, que consome 80% menos energia.



“A Ampla marcou um golaço”
Sergio Cabral



Assista a um vídeo exclusivo do lançamento do projeto Cidade Inteligente – Búzios e leia mais sobre as inovações apresentadas no Citenel no endereço eletrônico: www.job360.com.br/conscienciaampla10

Carros e motos elétricas começam a circular na cidade já no fim deste ano. “Também teremos painéis solares para alimentar a iluminação pública e sistemas eólicos com armazenamento de energia”, contou Llévenes. Outro passo importante será a instalação da

nova geração de medidores inteligentes, que virão da Europa. Esses aparelhos vão permitir a cobrança de tarifas diferenciadas. “Essa etapa ainda depende da homologação dos medidores, que devem ser instalados no começo de 2012”, concluiu.

Ampla apresenta inovações tecnológicas

Um poste de luz com apenas 25 quilos, para ser usado em zonas de desastre, para restabelecimento rápido do fornecimento de energia. Uma luva capaz de salvar vidas ao sinalizar para o técnico que existe tensão na rede. Um sistema que impede o roubo de energia por meio de ligações clandestinas. Essas são algumas das inovações tecnológicas apresentadas pela Ampla no 6º Citenel, Congresso de Inovação Tecnológica em Energia Elétrica, realizado em Fortaleza, entre 17 e 19 de agosto. “O evento foi uma prestação de contas do setor para a agência reguladora e a sociedade”, diz Victor Gomes, responsável por Investimentos em Eficiência Energética da Ampla.

Algumas inovações apresentadas no evento serão aplicadas ao projeto Cidade Inteligente – Búzios. É o caso do aerogerador vertical, especialmente projetado para funcionar em ambientes urbanos. “Esse equipamento permite produzir energia em escala menor, com menos ruído, em áreas residenciais. Essa tecnologia não era fabricada no Brasil”, explica Gomes.

Outra tecnologia sem similar nacional, a ser usada em Búzios, é a Rede Mash, para otimizar a comunicação em *smartgrids* (redes de energia inteligentes). O equipamento é importante para o gerenciamento do novo modelo de distribuição. Gomes ressalta: “Nosso protótipo conseguiu um alcance de 400 a 1.000 metros, com custo abaixo do valor de mercado”.

Além disso, a Ampla também apresentou um projeto de faturamento para clientes provisórios. “Ele serve, por exemplo, para cobrar a energia utilizada em um evento em local público”, diz Gomes. Ou para cobrar do motorista que reabastecer seu carro elétrico em um poste da Cidade Inteligente – uma novidade mais próxima do que se imagina. “Essas inovações geram patentes para a empresa, benefícios para os clientes e melhoram a qualidade da energia”, conclui Gomes.

SINTONIZE O FUTURA CANAL 18UHF

A Ampla e o Canal Futura firmaram uma parceria para a produção de uma série de animações com dicas sobre consumo consciente.

Enquanto esse material está sendo preparado, você já pode ir degustando um pouco da programação do Futura e ficar ligado em temas como sustentabilidade, consumo consciente, eficiência energética, educação e muito mais.

Assista à Faixa Verde, de segunda a sexta-feira, às 20h30





Energia a favor da diversidade

Abordar a importância do consumo consciente em diferentes comunidades tem sido o grande desafio do Consciência Ampla. O programa, que já passou por todas as regiões da área de concessão da distribuidora, chega agora a Angra dos Reis. O objetivo principal é apresentar à Aldeia Indígena de Sapucaí e ao Quilombo Santa Rita, ambos localizados em Bracuí, o benefício da Tarifa Social Baixa Renda e facilitar o atendimento a essas duas comunidades.

De acordo com Katia Ramos, especialista da Área de Projetos Sociais, as ações foram iniciadas em maio, a partir de uma parceria da Ampla com a prefeitura de Angra dos Reis. A comunidade quilombola, formada por cerca de 150 famílias, e a aldeia indígena, com 87 casas registradas, foram auxiliadas pela equipe do Consciência Ampla a se cadastrarem na Tarifa Social. “Começamos o trabalho-piloto com esses grupos porque queríamos alertá-los sobre o consumo consciente. O objetivo principal é fazer com que eles reduzam o valor da tarifa, a ponto de não precisarem pagar pela conta, e aprendam a lidar com a energia elétrica”, explica.

A especialista acrescenta que, segundo a Lei 12.212/10, indígenas e quilombolas inscritos no CadÚnico têm direito de receber o benefício na conta de luz. Além disso, podem ficar isentos do pagamento se consumirem até 50 kWh mensais. “Em dois meses de projeto, conseguimos uma redução de 65% na conta de luz desses grupos por meio de palestras e troca de lâmpadas convencionais por modelos mais eficientes”, resume Katia.

Mudança de hábitos

Presidente de Associação dos Moradores do Quilombo Santa Rita, Emerson Luís Ramos, conhecido como Mec, aprova a parceria e elogia a equipe do Consciência Ampla. “Inicia-

mos esse trabalho junto à concessionária para melhorar nosso fornecimento de energia e ganhamos em troca um rico aprendizado. Temos pouco conhecimento sobre o tema, e as instruções estão sendo vantajosas para a comunidade”, afirma. Segundo ele, o grupo não tinha consciência, por exemplo, de que uma fiação emendada causa maior gasto de energia.

Na Aldeia Indígena de Sapucaí, em que a energia elétrica chegou em 2008, por meio do programa Luz Para Todos, a conscientização tem sido prioridade.

“Chegávamos a gastar R\$ 8 com querosene por noite. Agora que temos eletricidade, queremos aprender mais sobre o tema. As palestras foram ótimas, entretanto precisamos de mais orientações para que as famílias modifiquem seus hábitos”, ressalta Domingos Karai Tataendy, vice-cacique da aldeia.

Moradores da Ilha da Marambaia



Eletricidade eficiente

A Ampla, em parceria com o Governo Federal e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, inaugurou no dia 8 de setembro as obras de iluminação das Ilhas da Marambaia e de Jaguanum, em Mangaratiba, pelo projeto Luz Para Todos. Na ocasião, que ocorreu no Centro de Avaliação da Ilha da Marambaia (Cadim), o presidente da Endesa Brasil, Marcelo Llévanes, falou sobre a importância da eletricidade para as comunidades das ilhas. “Essa energia pode ser usada em muitos casos, mas o essencial é iluminar um lar, como estamos fazendo neste momento”. Ao todo foram beneficiadas 425 famílias e mais de 2 mil pessoas.

Nascido na Ilha da Marambaia, Dionato de Lima Eugênio comemora a ligação da energia elétrica. “Os gastos eram grandes com uso de lampião e vela e, sem energia, estávamos excluídos da sociedade. Enxergamos esse momento como a realização de um sonho”, comenta. Patrícia Macedo Mattos, moradora da Ilha de Jaguanum, também ressalta a importância da iluminação. “Agora todos vão poder ter uma geladeira para guardar pescados, a principal fonte de renda dos moradores. Além disso, a obra preservou a natureza: não foram construídos postes no caminho das praias, nosso maior receio”, completa.



Paul Singer (esq.) e Marcos Rodrigo Ferreira, presidente do Banco Preventório

Solidariedade na economia do dia a dia

A economia solidária cresce no Brasil de maneira cada vez mais organizada. Além de gerar renda, forma redes para transformar os paradigmas do desenvolvimento econômico e da relação das pessoas com o meio ambiente. Em resposta a essa demanda, o Governo Federal criou, em 2003, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego. Nosso objetivo é viabilizar e coordenar atividades de apoio ao setor em todo o território nacional, visando a geração de trabalho e renda, a inclusão social e a promoção do desenvolvimento justo e solidário.

Obedecendo a alguns princípios básicos, como posse coletiva dos meios de produção e autogestão dos negócios, a economia solidária cria relações de trabalho em que não há empregados ou empregadores, mas sócios, que visam o bem comum.

Essa forma de fazer economia surgiu na década de 1980, como uma defesa dos cidadãos contra a exclusão social, buscando uma inserção produtiva por meio de variadas formas de trabalho autônomo, individual e coletivo. No Brasil, essa alternativa para a geração de emprego e renda assumiu proporções notáveis, a ponto de tornar a economia solidária uma opção adotada por movimentos sociais e importantes entidades da sociedade civil, como igrejas, sindicatos, universidades e partidos políticos. Na passagem do século, políticas públicas de fomento e apoio à economia solidária foram adotadas por muitos governos municipais e estaduais.

Como Secretário Nacional de Economia Solidária, percebo vários movimentos desse tipo no país. Um exemplo de que esse tipo de economia contribui para erradicar a miséria é a criação de bancos comunitários, como os que a Ampla lançou em comunidades de Niterói e Duque de Caxias, em parceria com a UFF e o Banco Palmas. Geridos por associações de moradores, eles dispõem de uma moeda social e oferecem empréstimos sem cobrar juros, fomentando, assim, empreendimentos nos bairros em que atuam, criando um financiamento solidário.

A economia solidária não é um receituário. Ela resulta de formação específica e/ou de um aprendizado mediante sua prática. E, quem quiser saber mais sobre o assunto, pode procurar orientação nas superintendências regionais do Ministério do Trabalho e Emprego ou nos foros municipais e estaduais de Economia Solidária.

Paul Singer é Secretário Nacional de Economia Solidária



Paul Singer e grupo da Incubadora de Empreendimentos em Economia Solidária da UFF

Ampliando os horizontes

Para expandir os meios de comunicação com os clientes, a Ampla lançou sua página oficial no Facebook. A rede de relacionamento permite compartilhar informações, arquivos de vídeo, links e fotografias, o que aproxima a concessionária do público em geral. Interatividade é a palavra de ordem no espaço, que integra outros canais de relacionamento da empresa, como Twitter, Flickr e YouTube. No ar desde julho, o ambiente traz publicações sobre projetos sociais, ações, investimentos e inovações.

Em apenas dois meses, a página recebeu 18.405 visitas e foi “curtida” por mais de 250 pessoas, registrando crescimento de 54% entre julho e agosto. “Na página do Facebook, não pretendemos realizar atendimento ao cliente, até porque para isso temos outros canais disponíveis. Nosso foco é a interação com o público, queremos estar cada vez mais próximos, interagindo diretamente com os usuários. Muitos colaboradores também participam e é uma forma oficial de contato com eles”, explica Erika Millan, especialista em Marketing da Ampla.

O layout foi customizado com grafismos e com a logomarca da empresa, padrão já adotado nos anúncios institucionais. Por meio do canal, os internautas têm a oportunidade de ficar informados sobre o consumo eficiente de energia, projetos inovadores – como o carro elétrico e o poste de fibra de carbono –, além de iniciativas como EcoAmpla, Ampla em Ação e Cidade Inteligente. “O diferencial da nossa página está na integração entre as redes, proporcionando melhor navegabilidade e divulgação dos nossos meios de comunicação”, ressalta Erika.

O Facebook da Ampla é administrado por uma equipe multidisciplinar, que realiza reuniões pe-

riódicas, nas quais são definidos os conteúdos, linguagens e condutas adotadas pela empresa. Os gestores também monitoram mensalmente os índices de acessos à página. “Atualizamos as informações diariamente. Assim esperamos divulgar de uma maneira mais abrangente os projetos da Ampla. É importante pensarmos em todos os usuários: clientes, colaboradores e internautas em geral”, avalia Manuela Oliveira, estagiária de Marketing e integrante da equipe do Facebook.



Verão com economia



Dias ensolarados, praias lotadas e muita energia consumida para manter as bebidas geladas, o ar-condicionado ligado e o banho prolongado. Esse é o cenário do verão, estação mais quente do ano, em que o consumo de energia bate recordes consideráveis. No mês de dezembro, período em que acontecem os festejos do Natal, os piscapiscas deixam as árvores, casas, fachadas e cidades iluminadas, em clima natalino. Tudo isso agrada aos olhos, mas desperdiça recursos. Para aproveitar as festas e evitar os excessos, apostar na reciclagem e em itens ecológicos pode render bons frutos. Aproveite as dicas para economizar!

Criatividade e consciência

- Vilão da economia, o ar-condicionado é responsável por cerca de um terço do gasto doméstico. Ligue o aparelho com antecedência: a troca de calor é gradativa e evita o uso da potência máxima. Verifique se as portas e janelas estão bem vedadas e instale o equipamento em um local alto, para que o ar frio desça e refrigere todo o ambiente;
- Evite passar muito tempo no banho e use sempre a posição 'verão' ou 'morno'. O chuveiro elétrico consome quase 25% da energia de uma casa;
- Abrir a porta da geladeira toda hora faz com que o motor do aparelho trabalhe mais, aumentando o consumo. Guardar alimentos quentes e colocar plásticos nas prateleiras também prejudica o funcionamento;
- As lâmpadas, atração indispensável no Natal, devem ser de baixo consumo. Procure desligá-las sempre que possível;
- Aproveite a ornamentação do ano passado e use a criatividade para reinventar a tradicional árvore. Enfeites confeccionados em garrafas PET, jornais e revistas antigas são opções originais.

divirta-se

www.coquetel.com.br © Revistas Coquetel

Modelo de lâmpada que consome menos energia	Aceitar	Coleta (?): separação do lixo de modo que os detritos sejam reciclados	Criam	Eficiência (?): área responsável pela troca de geladeiras de clientes baixa renda	Silaba de "nevar"
Conteúdo da Constituição	U		Citação (abrev.)		Ácido acetilsalicílico (sigla)
(?) -mail, correio da internet	Ene Relativo à pestana	Instrumento que Nero tocava		"Obrigação" do lavrador, antes do plantio	R
Meio de transporte ecologicamente correto e que não necessita de combustível		Letra que tem a forma da cruz	Oceanos (?)-hop, gênero musical	A oitava letra Anatomia (abrev.)	
Proprietária		B	Veículo movido a energia elétrica e gasolina		Silaba de "tanto"
Material reciclável usado para detectar radiação no Japão		Divisão dos graus do judô Padre			Opõe-se a "off"
			E	Sigla do Correio Aéreo Nacional	

BANCO 3/aa-s — can — dan, 4/ltra, 6/cillar, 7/vigário.

